

## QUE HAJA A PRESENÇA DO “PEIXE” EM NÓS... E ATRAVÉS DE NÓS!

---



Ἰησοῦς      Χριστός      Θεός      Υἱός      Σωτήρ  
Jesus              Cristo              Deus              Filho              Salvador

De forma geral, um símbolo se trata de “elemento representativo visível que, por analogia, substitui um objeto, conceito, ideia ou qualidade”. Dentre os diversos símbolos aplicados ao cristianismo, está a figura de um peixe. No grego, para a palavra “peixe”, fazemos uso do vocábulo Ἰχθύς (*Ichthys*). Na época dos primeiros cristãos, esse termo passou a ser utilizado como acrônimo<sup>1</sup> para a expressão “Ἰησοῦ Χριστοῦ, Θεοῦ Υἱός, Σωτήρ” (*Iesú Christú, Theú Hiós, Sotér*) – em português: “Jesus Cristo, Deus Filho, Salvador”. De forma simples, a palavra era desmembrada da seguinte forma:

Ι      =      Ἰησοῦς      (Iesus)      =      Jesus  
χ      =      Χριστός      (Christós)      =      Cristo  
θ      =      Θεός      (Theós)      =      Deus  
υ      =      Υἱός      (Hiós)      =      Filho  
ς      =      Σωτήρ      (Sotér)      =      Salvador

---

<sup>1</sup> **Acrônimo.** Palavra composta pelo conjunto de letras ou por sílabas de um termo com mais de uma palavra e pronunciado regularmente, ao invés de letra a letra. Em geral, a palavra formada pela junção das primeiras letras ou a junção das sílabas iniciais de um grupo de palavra, que normalmente representam um título, exemplos: Anatel, ABNT, CNH, CPF, IPVA, IPTU, Ovni etc.).



O acrônimo  $\Upsilon\chi\theta\acute{\upsilon}\varsigma$  (*Ichthýs*) foi um dos primeiros símbolos cristãos – juntamente com o crucifixo – a ser usado pelas igrejas cristãs. Em geral, consiste em dois arcos que se cruzam para formar o perfil de um peixe. A figura era utilizada para marcar, dentre outras coisas, as catacumbas cristãs na época da perseguição aos cristãos. Como não era um símbolo tão explicitamente cristão (como a cruz, por exemplo) os cristãos primitivos utilizavam  $\Upsilon\chi\theta\acute{\upsilon}\varsigma$  (*Ichthýs*) para marcar os lugares onde se encontravam os túmulos dos seus irmãos de fé. Outra utilidade era o uso para comunicação: um cristão marcava um lugar com uma meia-lua para baixo. Se outra pessoa também fosse cristã, ela marcava a meia lua para cima, formando o símbolo. A figura também era desenhada por crianças nas portas de casa para que mostrasse aos outros cristãos que aquela era uma casa de família cristã.



De acordo com algumas lendas, o desenho do peixe também funcionava como espécie de “senha e contrassenha” para que, os primeiros cristãos, pudessem identificar uns aos outros sem correr tantos riscos por causa da perseguição que sofriam. Para garantir que espíões não se infiltrassem entre eles, os cristãos pensaram em um jeito simples de usar o  $\Upsilon\chi\theta\acute{\upsilon}\varsigma$  (*Ichthýs*) como forma de identificação secreta: quando eles se encontravam, um desenhava apenas um arco – no chão mesmo ou sobre a areia – e esperava que o outro completasse o  $\Upsilon\chi\theta\acute{\upsilon}\varsigma$  (*Ichthýs*) com outro arco. Dizem, também, que outra maneira de usar essa contrassenha era desenhar um semicírculo na palma da mão do outro possível cristão quando duas pessoas se cumprimentavam, esperando que o outro completasse o desenho. Caso a pessoa não entendesse o estranho toque, bastava inventar uma desculpa qualquer para escapar da saia justa.

Com o fim da perseguição aos cristãos, decretada no século 4, por meio do Édito de Milão, no qual o Império Romano se declarou neutro com relação ao credo religioso, os seguidores do cristianismo começaram a ser deixados em paz para professar sua fé em liberdade – e o uso do  $\Upsilon\chi\theta\acute{\upsilon}\varsigma$  (*Ichthýs*) como senha acabou se tornando desnecessário.

Nos dias atuais, pelo menos em nosso país, também não há necessidade do uso de acrônimos para externalizarmos nossa fé, nossa devoção e para demonstrarmos que somos discípulos de “Jesus Cristo, Deus Filho, Salvador”. Compete a nós apenas seguir o que o próprio “Ἰχθύς (*Ichthys*)” ordenou: “*Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos*” (João 13.34-35 – NVT).

Neste tempo de adversidade, de preocupações e incertezas quanto ao futuro próximo, que nós possamos revelar ao mundo que “Jesus Cristo, Deus Filho, Salvador” está no controle de todas as coisas (cf. Mateus 28.18), e que as tempestades que volta e meia nos assolam, servirão de matéria-prima para que Ele realize milagres extraordinários em nós... e através de nós! Mesmo diante de um vírus que, aos nossos olhos naturais se mostra invisível, que possamos demonstrar um amor visível, palpável e, sobretudo, transformador.

Sendo assim, é tempo nos amarmos mutuamente. Mas, que seja um amor verdadeiro (cf. Romanos 12.9), altruísta, sacrificial, voltado para além de nós mesmos e de nossas aspirações pessoais. Mesmo que estejamos provisoriamente ausentes das celebrações cúlticas (enquanto comunidade) que estejamos espiritualmente presentes na vida uns dos outros – seja por meio de orações, de mensagens postadas nas mídias sociais, ou até mesmo de simples telefonemas.

No mais, **que haja a presença do “peixe” em nós... e através de nós!** Que a presença gloriosa do “Ἰχθύς (*Ichthys*)” – “Jesus Cristo, Deus Filho, Salvador” – se manifeste na sua vida e na de seus familiares, e “*que Deus, a fonte de esperança, os encha inteiramente de alegria e paz, em vista da fé que vocês depositam nele, de modo que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo*” (Romanos 15.13 – NVT).

*Soli Deo Gloria!*